



Intervenção escolar por internos de medicina inseridos na Atenção Básica acerca do combate ao abuso e à exploração sexual de crianças e adolescentes: Um Relato de Experiência

Ana Valéria Dantas de Araújo Góis¹, Alexandra Isis Soares de Lima Dantas¹, Abraão Rosado Cantídio de Medeiros Nascimento¹, Carlos Alberto Alves de Lima Filho¹, Dannyelly Hylmara de Sousa Cavalcante Maia¹, Hugo Moura Viana¹, Layla Kathlien Ramos de Carvalho¹, Luana Christie de Castro Medeiros¹, Lucas Albuerne Diniz Bezerra¹, Letícia Mariana Duarte dos Santos¹, Sabrina Alves Praxedes¹ e Penélope de Lima Bezerra Aquino¹

RELATO DE EXPERIÊNCIA

RESUMO

A violência sexual contra crianças e adolescentes é um problema que sempre esteve em nosso meio, podendo ser tipificado pelo contato físico, exposição indevida, coerção para assistir ou participar de atividades sexuais e exploração sexual comercial, causando diversos traumas físicos e mentais. Este artigo tem como objetivo relatar a importância de educar em saúde o público infanto-juvenil a respeito do assunto violência sexual. A ação foi realizada um encontro único em formato de roda de conversa, com uso das ferramentas: cartilha, espaço da palavra, vídeos educativos e dinâmica da “panela de cuscuz”. Desenvolvido por internos de medicina da Faculdade Nova Esperança de Mossoró (FACENE-RN), sob a supervisão da preceptora e médica da UBS José Erivan (Serra do Mel-RN). Conclui-se que se faz necessário profissionais da educação e da saúde capacitados para que mais situações de violência sexual sejam identificadas e notificadas, além de permitir a criação de um ambiente de confiança e apoio para os infantes, tanto nas instituições de ensino e de saúde, quanto nas relações interpessoais, auxiliando na proteção e no bem-estar dos menores em situações de vulnerabilidade.

Palavras-chave: Abuso Sexual de Crianças e Adolescente, Capacitação Profissional, Vulnerabilidade Social.



School intervention by medical interns in Primary Care to combat abuse and sexual exploitation of children and adolescents: An experience report

ABSTRACT

Sexual violence against children and adolescents is a problem that has always been in our midst, and can be characterized by physical contact, undue exposure, coercion to watch or participate in sexual activities and commercial sexual exploitation, causing various physical and mental traumas. This article aims to report the importance of educating children and young people about the subject of sexual violence in health. The action was held in a unique meeting in the format of a conversation circle, using the following tools: booklet, word space, educational videos and “couscous pot” dynamics. Developed by medical interns at Faculdade Nova Esperança de Mossoró (FACENE-RN), under the supervision of the preceptor and doctor at UBS José Erivan (Serra do Mel-RN). It is concluded that trained education and health professionals are needed so that more situations of sexual violence are identified and reported, in addition to allowing the creation of an environment of trust and support for children, both in educational and health institutions, as well as in interpersonal relationships, assisting in the protection and well-being of minors in vulnerable situations.

Keywords: Sexual Abuse of Children and Adolescents, Professional Training, Social Vulnerability.

Instituição afiliada – FACULDADE DE ENFERMAGEM NOVA ESPERANÇA DE MOSSORÓ (FACENE/ RN)

Dados da publicação: Artigo recebido em 09 de Junho e publicado em 29 de Julho de 2024.

DOI: <https://doi.org/10.36557/2674-8169.2024v6n7p2945-2958>

Autor correspondente: Ana Valéria Dantas de Araújo Góis anavaleriaqois@gmail.com

This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).





INTRODUÇÃO

A violência sexual infantil é um termo usado para definir qualquer atividade sexual que envolva crianças ou adolescentes e que seja realizada por um adulto ou por outra criança que tenha poder ou autoridade sobre a vítima, sendo um grave problema que afeta a população infanto-juvenil em todo o mundo. Esta forma de violência pode ser cometida de várias maneiras e pode incluir abuso sexual, exploração sexual, assédio sexual e práticas nocivas, como o casamento infantil. Assim, é importante destacar que a violência sexual infantil não se limita ao contato físico e pode envolver ações como exposição indevida, coerção para assistir ou participar de atividades sexuais e exploração sexual comercial (BRAUN, 2002).

Dito posto, é de suma importância identificar o abusador sexual, que pode ser qualquer indivíduo que tenha acesso a vítima, independente de gênero, idade ou relação com a mesma. Dentre os suspeitos estão os familiares, amigos da família, cuidadores ou educadores, conhecidos da criança, desconhecidos e até mesmo outras crianças e adolescentes que exercem poder ou influência sobre a vítima. Notar ainda que os abusadores, na maioria das vezes, empregam estratégias de manipulação e coerção para ganhar a confiança da criança e/ou de seus responsáveis. As crianças podem ser ameaçadas ou chantageadas com presentes para manter em segredo a violência (BRAUN, 2002).

Ao se caracterizar o perfil de quem realiza violência sexual infantil observa-se uma combinação de fatores individuais, familiares, comunitários e sociais que podem incluir fatores psiquiátricos dos infratores, ou seja, alguns deles possuem transtornos mentais ou de personalidade que os levam a cometer atos de violência sexual contra crianças. Isso pode incluir pedofilia, problemas de controle de impulsos e distúrbios de comportamento. Sabe-se também, que muitas vezes tais indivíduos possuem histórico de terem sido abusados sexualmente na infância, o que acaba contribuindo para o ciclo de violência (FIOCRUZ, 2023).

Somado a isso, o ambiente familiar disfuncional também colabora para tal perpetuação, como lares em que são constituídos por violência doméstica, abuso de substâncias, negligência ou problemas de saúde mental. A falta de supervisão e cuidado



adequado é de fato um fator contribuinte. Crianças que vivem em condições de extrema pobreza ou que estão socialmente excluídas são mais vulneráveis ao abuso, pois podem ser exploradas em troca de necessidades básicas ou proteção. A facilidade de acesso à internet e a falta de supervisão online expõem as crianças a riscos de exploração por meio das plataformas digitais. Outro fator que corrobora para o aumento da vulnerabilidade das crianças é a falta de conhecimento dos direitos das mesmas e de educação sexual que as ensine a identificar e denunciar o abuso (FIOCRUZ, 2023).

O abuso sexual pode causar uma ampla gama de sinais físicos, emocionais e comportamentais que variam de acordo com a idade da criança, duração e a gravidade do abuso, e a relação com o abusador, sendo necessário reconhecer os sinais deste ato para a proteção e apoio as vítimas que são tão afetadas em todo mundo. Os sinais físicos constituem lesões genitais e anais, as dores e desconfortos físicos, bem como a presença de doenças sexualmente transmissíveis, que é um sinal alarmante e que exige investigação imediata (BRAUN, 2002).

Se tratando de sinais emocionais e psicológicos, estes consistem em mudanças bruscas de humor, como aumento da agressividade, retraimento ou depressão, também transtornos de ansiedade e medo, baixa autoestima, comportamentos sexuais inadequados como conhecimento e interesse sexual que não é apropriado para a idade da criança, brincadeiras sexuais explícitas ou comportamento sexualizado. Há também em alguns casos, regressão a comportamentos infantis, ou seja, crianças mais velhas podem voltar a comportamentos típicos de uma idade mais jovem, como urinar na cama ou sentir medo de ficar sozinha. As vítimas costumam ter queda no desempenho escolar, falta de concentração, evasão escolar e conflitos com colegas, bem como podem começar a evitar pessoas específicas ou locais onde o abuso ocorreu e terem dificuldade de relacionamentos, mostrando um comportamento agressivo ou passivo, e recorrer a comportamentos autodestrutivos, como automutilação, abuso de substâncias ou tentativas de suicídio (BRAUN, 2002).

A violência sexual infantil tem consequências profundas e duradouras para as vítimas. Elas podem incluir traumas psicológicos, como ansiedade, depressão e transtorno de estresse pós-traumático. Além disso, pode afetar negativamente o desenvolvimento emocional, social e cognitivo da criança, levando a problemas de



relacionamento, dificuldades acadêmicas e comportamento de risco. A longo prazo, vítimas de violência sexual infantil podem enfrentar dificuldades em estabelecer relacionamentos saudáveis, confiar em outras pessoas e até mesmo em sua própria autoestima. O apoio psicológico e jurídico é fundamental para ajudar as vítimas a se recuperarem e a superarem os impactos desse tipo de violência (PLATT, 2018).

Muitos adultos que sofreram abuso sexual na infância continuam a lutar com problemas de saúde mental ao longo da vida, tendo maior probabilidade de serem vítimas de violência sexual novamente. O abuso na infância pode impactar negativamente a capacidade de funcionar adequadamente em várias áreas da vida, incluindo trabalho, relacionamento e saúde no geral. O apoio adequado é crucial para ajudar as vítimas a lidar com essas consequências e para proporcionar-lhes a oportunidade de se recuperarem e levarem uma vida saudável e produtiva (PLATT, 2018).

As estatísticas mais recentes sobre a violência sexual infantil no Brasil revelam um cenário alarmante. Segundo dados do Ministério da Saúde, no ano de 2021, o número de notificações foi o maior registrado, considerando o período de 2015 a 2021, com 35.196 casos. Desses, a residência das vítimas foi o local de ocorrência de 70,9% dos casos contra crianças de 0 a 9 anos e 63,4% contra adolescentes de 10 a 19 anos. Os agressores são predominantemente do sexo masculino, responsáveis por mais de 81% dos casos contra crianças e 86% contra adolescentes (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2023). Esses dados sublinham a necessidade urgente de medidas preventivas e educativas para combater a violência sexual infantil, além de um fortalecimento das políticas públicas de proteção às crianças e adolescentes (CANINEU, et al., 2023).

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo, do tipo relato de experiência, acerca do projeto de educação em saúde, realizado por internos de medicina da Faculdade Nova Esperança de Mossoró (FACENE-RN), sob a supervisão da preceptora e médica da UBS José Erivan, situada na cidade de Serra do Mel, para conscientização e capacitação de crianças em idade escolar, no que diz respeito à temática "Combate ao abuso e à exploração sexual de crianças e adolescentes", representada pelo dia 18 de Maio.

Para a realização da ação, fez-se necessário executar uma revisão narrativa da

literatura com artigos das bases de dados PUBMED, SCIELO e da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) do Ministério da Saúde, voltados para o tema proposto, como forma de capacitar os internos acerca da temática. A partir da aquisição do embasamento teórico dos estudantes em questão, foi possível a elaboração, por meio da plataforma CANVA, de uma cartilha intitulada “Maio Laranja” (Figura 1), para ser distribuída durante a ação, com linguagem mais acessível e com informações viáveis para o público alvo, bem como foi possível selecionar um vídeo lúdico para exposição na ação, com auxílio da plataforma do YouTube®, utilizando como critérios de inclusão e exclusão: tempo de duração do vídeo, linguagem utilizada, conteúdo apresentado e modo de capturar a atenção do público ao material.

Figura 1: Cartilha Maio Laranja



Fonte: Acervo pessoal, 2024



A intervenção contou com a participação dos internos de medicina do 11º da FACENE-RN e da equipe multidisciplinar da UBS José Erivan, composta por médico, enfermeiro e agentes de saúde. O projeto apresentou duração média de duas horas e ocorreu na biblioteca da Escola Municipal Maria Eva de Holanda Bessa, na cidade de Serra do Mel- RN, na forma de roda de conversa, para as turmas do quarto e quinto ano, turma A e B, contando com cerca de 80 alunos, sob a supervisão do corpo docente da escola. O momento em questão fez o encerramento do projeto de educação em saúde organizado pela instituição escolar acerca do dia 18 de maio, que aconteceu no período entre o dia 13/05/2024 até 17/05/2024.

A ação foi dividida em quatro momentos. Inicialmente, foi entregue as cartilhas e realizado o “Espaço da Palavra”, em que os alunos puderam expor, de maneira voluntária, sobre o que eles aprenderam sobre a temática durante a semana. Após esse primeiro momento, os acadêmicos de medicina, em conjunto com a preceptora, debateram um pouco mais sobre o tema e reforçaram algumas orientações fundamentais, como por exemplo: a definição de abuso e exploração sexual, quem é o abusador, quais são os sinais de abuso sexual, como agir sobre o tema e quem procurar diante de uma situação como essa.

Em seguida, foi projetado o vídeo intitulado “Semáforo do toque - aprendendo a proteger o corpinho” e distribuído folhas em branco para todos os discentes presentes, sendo sucedido pela implementação da “dinâmica da cuscuzeira”. Esta consistiu como um momento de os alunos poderem escrever dúvidas e relatos acerca da temática, de forma anônima, ao depositarem seus papeis na panela de cuscuz. O momento sucedeu com a equipe ajudando a sanar as dúvidas escritas dos discentes durante o momento.

Após a ação foi orientado a todas as crianças presentes, que aquelas que relataram experiências ou vivências de exploração e abuso sexual, procurassem ajuda de responsáveis que se sentissem confortáveis em falar sobre a situação, seja este um ente familiar, algum profissional de saúde em consulta ou algum membro do corpo discente da escola. Ademais, foi disponibilizado pela coordenadora pedagógica uma escuta ativa no dia 20/05/2024, contando com a ajuda de um psicólogo para os casos que as crianças não se sentiam confortáveis em relatar tais experiências para membros da própria família ou algum responsável legal.



Durante toda a intervenção foram feitos registros fotográficos para melhor exposição da palestra com a permissão da equipe administradora da escola e dos demais participantes.

RESULTADOS

A educação em saúde (ES) é um processo que visa promover o conhecimento e desenvolver habilidades para que as pessoas possam tomar decisões mais saudáveis em relação a si mesmas e à sua comunidade (GUETERRES, et al., 2017). Durante a vivência prática da ação, pode-se observar a importância de dissertar acerca da temática sobre o combate ao abuso e à violência sexual de crianças e adolescentes, tendo em vista que a educação em saúde desempenha um papel fundamental ao fornecer informações precisas e relevantes sobre os sinais de abuso, seus impactos na saúde física e mental, bem como sobre os recursos disponíveis para busca de ajuda e proteção, capacitando assim os indivíduos a reconhecerem e responderem a essas situações de forma eficaz, além de desconstruir estigmas e tabus associados ao tema, promovendo uma cultura de prevenção e proteção (BANSAL, et al., 2023).

Ao capacitar crianças, adolescentes, pais, educadores e profissionais de saúde com conhecimentos e habilidades necessárias para identificar, prevenir e denunciar casos de abuso e violência sexual, a ES desempenha um papel essencial na promoção do bem-estar e na construção de comunidades mais seguras e saudáveis (BANSAL, et al., 2023; ABD EL AZIZ, et al., 2017). Um estudo publicado pela American Journal of Nursing Science, em 2017, indica uma melhoria significativa no conhecimento e nas atitudes das crianças em relação à prevenção do abuso sexual após a implementação do programa de prevenção, fato este evidenciado pela participação de apenas 10% dos presentes no início da ação, comparando com os 80% das crianças que participaram após a roda de conversa, por meio da gincana realizada, sendo captado de forma anônima dúvidas e relatos pessoais dos próprios alunos acerca do tema (ABD EL AZIZ, et al., 2017).

Dentre as contribuições desta atividade na formação acadêmicas do estudantes do curso de medicina, foi possível observar um aumento de conhecimento dos mesmos acerca da temática, tendo em vista as pesquisas realizadas, a separação e confecção de materiais didáticos sobre o tema antes da apresentação, bem como puderam desenvolver habilidades de comunicação e linguagem ao transmitir os conhecimentos



adquiridos, de maneira mais apropriada a idade do público infantil, reforçando a crucial responsabilidade dos profissionais de saúde no enfrentamento dos casos de violência, especialmente a violência sexual contra crianças e adolescentes. No entanto, as descobertas também revelam as dificuldades enfrentadas pelos profissionais de saúde para lidar com essas situações de forma eficaz, ressaltando a carência de capacitação específica neste contexto. A falta de treinamento adequado pode comprometer a qualidade do cuidado oferecido às vítimas, enfatizando a urgência de programas de formação e atualização profissional nesse campo (DE SOUZA, et al., 2024).

Foi identificada uma correlação positiva significativa entre o conhecimento e as atitudes das crianças e fatores como idade, sexo, exposição prévia ao abuso sexual e qualidade do relacionamento com os pais, evidenciado pela exposição de situações e elaborações de perguntas mais complexas do público ao final do encontro. Assim, destaca-se a eficácia do programa de prevenção em fornecer informações relevantes e capacitar as crianças a adotarem medidas de proteção contra o abuso sexual, ressaltando a importância de intervenções educativas para promover a segurança e o bem-estar infantil (BANSAL, et al., 2023; ABD EL AZIZ, et al., 2017).

Ademais, reforça a importância dos profissionais de saúde em como proceder diante dessas situações, tendo em vista que se faz necessário a notificação dos casos (DE SOUZA, et al., 2024). As notificações são apontadas como medidas fundamentais para garantir a proteção das vítimas e a investigação adequada, bem como servem para alimentar as bases de dados, como o Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN), e permitirem que medidas e recursos governamentais sejam direcionados e disponibilizados para o combate dessa problemática (DE SOUZA, et al., 2024; FIOCRUZ, 2023).

Neste processo de aprendizado, enfatiza a importância crucial dos internos de medicina de reconhecer a vulnerabilidade das crianças envolvidas na apresentação, principalmente em relação às que apresentaram relatos de relações abusivas. A falta de validação dos pedidos de ajuda por parte da criança muitas vezes pode causar danos tão graves quanto o próprio abuso, criando um ambiente de desautorização e negação. Além disso, identificaram-se casos em que os abusos foram exacerbados pela quebra de confiança, muitas vezes silenciados devido à fragilidade presente em diversas relações,



como aquelas entre profissionais de saúde e pacientes, alunos e instituições de ensino, ou mesmo entre pais e filhos (OLIVEIRA, et al., 2021).

Assim, como resultado da ação pode-se observar também o medo das crianças em procurar ajuda diante de situações como estas devido ao não conhecimento sobre quem pode ser sua rede de apoio, evidenciado pelos discursos das mesmas em suas descrições. Foi identificado relatos dos infantes, os quais não eram de conhecimento do corpo docente da escola, destacando a importância de criar um ambiente de confiança e apoio, tanto dentro das instituições quanto nas relações interpessoais, para garantir a proteção e o bem-estar dos menores em situações de vulnerabilidade (OLIVEIRA, et al., 2021).

Diante do contexto, observa-se também a importância fundamental do papel do médico generalista e, mais especificamente, do médico da Estratégia de Saúde da Família (ESF) no enfrentamento da violência sexual contra menores. A escassez de profissionais capacitados nesse assunto e a subnotificação dos casos emergem como desafios significativos a serem superados. No entanto, a proximidade de contato e o vínculo estabelecido entre o médico da ESF e a população adscrita do território sob sua responsabilidade oferecem uma oportunidade única para a identificação precoce de eventos suspeitos de violência sexual (MENEZES, et al., 2021).

Além disso, a atenção longitudinal proporcionada pelo médico da ESF às famílias permite um acompanhamento contínuo e uma intervenção proativa. Para desempenhar efetivamente esse papel, é essencial que o médico se capacite não apenas em aspectos clínicos e fisiopatológicos, mas também em questões legais e psicossociais relacionadas à saúde integral da criança e do adolescente. Portanto, investir na formação e no apoio desses profissionais é crucial para fortalecer a rede de proteção e prevenção da violência sexual infantojuvenil (MENEZES, et al., 2021).

Em relação ao âmbito escolar, observa-se uma lacuna existente nas escolas brasileiras no que diz respeito às medidas preventivas contra a violência sexual infantil. A análise revela uma falta significativa de recursos e capacitação contínua para os profissionais da educação, bem como uma ausência de iniciativas comunitárias que promovam a integração entre familiares, estudantes e membros da comunidade educacional. Esta constatação destaca a urgência de uma abordagem mais abrangente



e colaborativa para enfrentar o problema da violência sexual infantil nas escolas, incluindo investimentos em formação profissional e o estabelecimento de parcerias eficazes com organizações comunitárias (RODRIGUES, 2024).

A falta de ações preventivas efetivas nessas instituições reflete não apenas uma falha em proteger as crianças e adolescentes contra as situações de abuso e exploração sexual, mas também uma ausência em cumprir com o papel fundamental das escolas na promoção de um ambiente seguro e saudável para o desenvolvimento integral dos alunos, tendo em vista que, no Brasil, contamos com a existência do Programa Saúde na Escola (PSE), iniciativa do Ministério da Saúde e o Ministério da Educação, que apresenta como uma das diretrizes fortalecer o enfrentamento das vulnerabilidades, no campo da saúde, que possam comprometer o pleno desenvolvimento escolar (RODRIGUES, 2024 e MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2011).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Devido à falta de conhecimento da população acerca da problemática em questão, principalmente a pertencente a faixa etária infanto juvenil, observou-se a importância de abordar sobre o combate ao abuso e à violência sexual de crianças e adolescentes, haja vista que ao capacitá-los, principalmente sobre os sinais de abuso, do abusador e a quem recorrer diante de uma situação como esta, torna-se possível ao menor buscar por ajuda, uma vez que contribui na desconstrução de estigmas e tabus associados ao tema.

Ademais, evidencia a necessidade da capacitação dos profissionais que estão atrelados diretamente a essas situações, como os pedagogos e a equipe de saúde, em especial o médico da ESF, tendo em vista que a identificação precoce dos casos tem um impacto positivo na vida do infante, uma vez que comumente, os agressores são pessoas com as quais as crianças e adolescentes possuem em suas convivências. Assim, criar um ambiente de confiança e apoio, tanto nas instituições de ensino e de saúde, quanto nas relações interpessoais, auxilia na proteção e no bem-estar dos menores em situações de vulnerabilidade.

Isso posto, a realização da ação de educação em saúde sobre o combate ao abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes permitiu aos acadêmicos deste estudo conhecer um pouco mais sobre a realidade brasileira acerca do tema e identificar a



vulnerabilidade existente nas crianças, em especial em uma escola pública do interior do nordeste, assim como possibilitou ampliar seus conhecimentos acerca da temática, permitindo ao grupo desenvolver habilidades na construção de um alicerce sólido e promovendo uma maior sensibilidade no cuidado a possíveis situações como essas, o que será útil na vivência da prática médica.

REFERÊNCIAS

ABD EL AZIZ, Mahbouba Sobhy; ISMAIL, Safaa Salah; AHMED, Howaida Moawad. Sexual abuse prevention program for school age children. **American Journal of Nursing**, v. 6, n. 1, p. 1-10, 2017.

BANSAL, Prerna et al. Assessing impact of health education in improving knowledge of children on child sexual abuse. 2022.

BRAUN, Suzana. **A violência sexual infantil na família: do silêncio à revelação do segredo**. Editora AGE Ltda, 2002.

CANINEU, Maria Laura et al. **Dados sobre estupro no Brasil destacam a importância da educação sexual**. [S. l.], 25 jul. 2023. Disponível em: <https://www.hrw.org/pt/news/2023/07/25/new-rape-statistics-brazil-highlight-importance-sexuality-education>. Acesso em: 24 maio 2024.

DE SOUZA, Marcio Costa et al. COMBATE À VIOLÊNCIA SEXUAL EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES: QUAL O PAPEL DA ENFERMAGEM?. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 10, n. 4, p. 935-946, 2024.

FARIAS, Erika. **Violência contra crianças e adolescentes: pesquisadores reforçam a importância da notificação**. [S. l.], 23 jun. 2023. Disponível em: [https://portal.fiocruz.br/noticia/violencia-contra-criancas-e-adolescentes-pesquisadores-reforcam-importancia-da-notificacao#:~:text=A%20notifica%C3%A7%C3%A3o%20%C3%A9%20compuls%C3%B3ria%20para,2003%20\(Estatuto%20do%20Idoso\)](https://portal.fiocruz.br/noticia/violencia-contra-criancas-e-adolescentes-pesquisadores-reforcam-importancia-da-notificacao#:~:text=A%20notifica%C3%A7%C3%A3o%20%C3%A9%20compuls%C3%B3ria%20para,2003%20(Estatuto%20do%20Idoso)). Acesso em: 24 maio 2024.

GUETERRES, Évilin Costa et al. Educação em saúde no contexto escolar: estudo de revisão integrativa. **Enfermería Global**, v. 16, n. 2, p. 464-499, 2017.

MENEZES, Maria Augusta Cunha et al. Atuação do médico generalista frente à violência sexual contra crianças e adolescentes. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 13, n. 4, p. e7261-e7261, 2021.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Novo boletim epidemiológico aponta casos de violência sexual contra**



crianças e adolescentes no Brasil. [S. l.], 18 maio 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2023/maio/novo-boletim-epidemiologico-aponta-casos-de-violencia-sexual-contras-criancas-e-adolescentes-no-brasil>. Acesso em: 24 maio 2024.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. SECRETARIA DE ATENÇÃO À SAÚDE. Departamento de Atenção Básica.

Passo a passo PSE : Programa Saúde na Escola: Tecendo caminhos da intersetorialidade. [S. l.:

s. n.], 2011. Disponível em:

https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/passo_a_passo_programa_saude_escola.pdf.

Acesso em: 24 maio 2024.

OLIVEIRA, Leonardo Ribeiro Gonçalves de; CÂMARA, Leonardo; CANAVÊZ, Fernanda. Meninos não choram: estudo sobre um caso de abuso sexual infantil. 2021.

PLATT, Vanessa Borges et al. Violência sexual contra crianças: autores, vítimas e consequências.

Ciência & Saúde Coletiva, v. 23, p. 1019-1031, 2018.

RODRIGUES, Rafaela Maria; MELLO, Roseli Rodrigues de. Escolas no combate à violência sexual contra crianças e adolescentes: análise bibliográfica de ações preventivas. **Ensaio: Avaliação e**

Políticas Públicas em Educação, v. 32, n. 123, p. e0244004, 2024.